

O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: LITERATURA E SÉRIE DE TV ANTECIPANDO OS PASSOS DE EAD NO BRASIL

PLAYFUL DEVELOPMENT OF AUTONOMY: LITERATURE AND TV SERIES
ANTICIPATING THE STEPS OF EAD IN BRAZIL

Maria Angélica Amâncio

ENS-Lyon, França
gellyamancio@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo propõe-se a verificar a possibilidade de se atribuir às estratégias lúdicas, visualizáveis no *corpus* em questão – a série norte-americana “O mundo de Beackman” e livros literários da Coleção “Enrola e Desenrola” –, o papel de colaboradoras no processo de ampliação da autonomia em crianças e adolescentes. A bibliografia é relacionada aos estudos de Tecnologias e Ensino a Distância, como as obras *Planejamento*, de Susana Martins Lopes Garrido, *Mídias e Linguagens*, de Sônia Cristina Vermelho, *Cenários e Modalidades da EAD*, de Antônio Simão Neto. Outras contribuições específicas, como *O Infantil na Literatura*, de Ana Maria Clark Peres, também compõem o trabalho. Ao final, espera-se também demonstrar que a aprendizagem conjugada à diversão não é exclusividade dos ditos meios de última geração, como o computador, a internet e seus diversos recursos.

PALAVRAS-CHAVE: autonomia, recursos audiovisuais, literatura.

ABSTRACT: This article proposes to examine the possibility of attributing to the playful strategies, such as those that compose the *corpus* - the American series "Beackman's" and and the literary books collection "Coil and Unroll" ("Enrola e Desenrola") - the role of cooperators in the process of expanding the autonomy in children and adolescents. The bibliography is related to Technology and Distance Learning studies, such as the works *Planejamento* ("Planning"), by Susana Martins Lopes Garrido, *Mídias e Linguagens* ("Media and Languages"), by Sonia Cristina Vermelho, *Cenários e Modalidades da EAD* ("Scenarios and Methods of Distance Learning"), by Antonio Neto. Other specific contributions, such as *O Infantil na Literatura* ("The Childish in Literature"), by Ana Maria Clark Peres, also composes the work. At the end, it is also expected to show that combining learning and fun is not an exclusive action of the greatest technologies, like the computer, the internet and its various features.

KEYWORDS: autonomy, audiovisual resources, literature.

UM BREVE PANORAMA

A ampliação dos cursos de Ensino a Distância (EAD) é inelutável e tem feito com que os conceitos de “distância” sejam reconsiderados. Distâncias econômicas, temporais, transacionais, físicas, são, todas elas, preponderantes em um país de continentais proporções, nem sempre correspondentes ao tamanho das oportunidades para todos, como é o Brasil. Levar a possibilidade de estudo e formação aos lugares os mais recônditos, promover a inclusão social de muitos que, sem a maleabilidade dos métodos de EAD e, conseqüentemente, sem formação escolar, estariam cada vez mais à margem – esses são inegáveis

aspectos positivos dessa modalidade de ensino, ainda vista com certo preconceito por parte de muitos.

Há de se considerar, no entanto, que nem todo aluno se adaptará à EAD. Muitos desistem ou, ainda que insistam, pouco aprendem, cumprem o mínimo sem que haja real mudança em sua percepção de mundo. Isso se deve, em grande parte, à falta de autonomia que, além de característica em algumas pessoas, é fruto de um sistema de ensino historicamente unilateral, cujas consequências se nota ainda hoje, em que o estudante recebia as informações diretamente do professor, que lhes indicava as tarefas a serem realizadas e depois lhe assinalava com caneta vermelha as respostas “corretas” e “incorretas”. O aluno era visto, a todo o momento, como a “tábula rasa” lockeana, a folha em branco a ser preenchida com o conhecimento sempre superior de seu mestre. Seus questionamentos eram muitas vezes desconsiderados ou refutados, o tempo que lhe era fornecido para a pesquisa era reduzido e, quase sempre, o próprio ato de pesquisar era delimitado por uma série de pontos a serem contemplados, como se o professor já pudesse prever o que o aluno viria a descobrir, ou como se desejasse cercear de fato suas descobertas. O estudante era, desse modo, educado a ser educado, a estar inerte diante do conhecimento, que ele, teoricamente, adquiria em proporção às notas que recebe.

O ser humano precisa, desde criança, ser estimulado a desenvolver uma personalidade autônoma, sendo capaz de desenvolver estratégias de autoestímulo, de gerenciar suas próprias tarefas, de estruturar seus meios de ampliação do pensamento. É necessário, portanto, investir em autonomia.

Nesta sociedade dita “de conhecimento”, “de informação”, é quase automático que se pense, de imediato, no computador como meio de construção da autonomia. Afinal, diante do aparelho, o jovem sente-se em liberdade e no comando, utilizando um aparato – embora inanimado - com o qual, de certa forma, é possível se estabelecer um diálogo. No entanto, é preciso lembrar que no Brasil, por mais esforços governamentais que se façam, além do feliz momento econômico por que passa o país, o computador e a internet ainda não são uma realidade para todos. Há de se buscar, nesse contexto, meios mais acessíveis à maioria da população. Um deles poderia vir a ser a televisão. Sabe-

se que 98% dos lares brasileiros possuem um televisor (VERMELHO, 2009, p.14). E uma das mais ilustres formas de EAD no Brasil são justamente os telecursos. Estes, entretanto, muitas vezes são criticados por não possuírem a qualidade técnica a que o espectador está acostumado. Além disso, incorporou-se o hábito de acreditar que os programas educativos são sempre enfadonhos, e o brasileiro tende a correr aceleradamente deles rumo aos braços do entretenimento.

A série norte-americana *Beakman's World* – ou “O Mundo de Beakman” – atesta a possibilidade de confluírem diversão e aprendizagem em um programa de TV. Estrelada pelo ator Paul Zaloom, a série contou noventa e um episódios, em que, a partir de cartas de espectadores reais, o professor Beakman e seus ajudantes ensinavam ciência através de experimentos, encenações, anedotas.¹ Foi inicialmente exibida no Brasil de 1994 a 2002, pela TV Cultura, passando também pela Record, o canal Cl@se e o Boomerang.

Anterior, porém, aos programas televisivos, um instrumento – que pode ou não ser visto como didático – considerável para o desenvolvimento da autonomia é o livro. Durante a leitura, explora-se a concentração, a imaginação, adquire-se conhecimento e, o que é importante, organiza-se o próprio processo de leitura: é o leitor que sabe quando interrompê-la, de onde continuá-la, quando é necessário retornar ao capítulo anterior em parte já esquecido. A leitura é, afinal, um processo solitário de descoberta.

Uma publicação capaz de potencializar esse processo tão favorável à solidificação da autonomia é a “Coleção Enrola e Desenrola”, indicada para o público infantojuvenil, e lançada pela Ediouro, durante as décadas de 1970 e 1980. Livros como *Viagem ao mundo submarino* (de R. A. Montgomery, adaptado por Orígenes Lessa) ou *De Balão ao deserto do Saara* (de D. Terman, do mesmo adaptador) oferecem, ao longo da leitura, opções de o leitor escolher o próximo passo do personagem, movendo-se entre distintas páginas, capazes de gerar inúmeros finais diferentes. Similar aos jogos de RPG, essas publicações, além de extremamente lúdicas, fornecem ao leitor a sensação de

¹ A série foi inicialmente exibida no Brasil de 1994 a 2002, pela TV Cultura, passando também pela Record, o canal Cl@se e o Boomerang.

escolha e, mais do que isso, o poder de decisão e, em consequência, a ampliação da autonomia.

Acredita-se, portanto, que analisar esses dois objetos de estudo pode favorecer não apenas a valorização de tais meios de aprendizagem, como também contribuir para se refletir acerca de algumas das qualidades e das falhas a serem superadas no Ensino a Distância na atualidade.

Literatura e educação

Em sua conhecida obra *História social da criança e da família*, Philippe Ariès (1978) acompanha a evolução do olhar sobre a infância e a família, desde a Idade Média até a Idade Moderna. A iconografia, os trajes, a sexualidade, os jogos e as brincadeiras são parâmetros elegidos pelo autor para realizar esse panorama. No entanto, o aspecto que nos interessa aqui se relaciona à trajetória escolar: na Idade Média, a escola e o colégio, reservados a um pequeno número de clérigos, misturavam as diversas faixas etárias. É na Idade Moderna que as crianças passam a ser diferenciadas dos adultos, e que o colégio se torna, mais do que uma instituição de ensino, um rigoroso e humilhante sistema disciplinar, que identifica as crianças às camadas inferiores da sociedade. Segundo o autor:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. [...] A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas), que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de *escolarização*. (ARIÈS apud PERES, 1999, p.27)

Como se nota, a escola se tornava o instrumento de iniciação social, sempre dentro dos padrões de normalidade estipulados pela Igreja e pelas pesquisas psicopedagógicas incipientes (PERES, 1999, p.28). E esse molde se perpetua, em certo sentido, até os dias atuais, tendo se ampliado, cada vez mais, o tempo de permanência do indivíduo na escola, o qual tem antecipada sua imersão em modalidades como o Jardim de Infância e afins, e para quem se prevê mais tempo de estudo, que incluem a faculdade e a frequência a cursos diversos, como os de idiomas e de aprimoramento, além das inúmeras pós-graduações.

No entanto, não se trata de questionar o alargamento da carga-horária escolar. Junto a esse crescimento, se deu, pouco a pouco, uma positiva mudança de proposta pedagógica, que ora se observa com mais clareza. Segundo ela, se faz possível uma atuação menos unilateral, mais participativa e dialógica entre aluno, professor, instituição e, sobretudo, conhecimento.

Essa perspectiva, de maior abertura do sistema escolar, é o que respalda o Ensino a Distância, o qual, segundo o MEC, seria “uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados” (Ministério da Educação, Decreto-Lei 2.494 de 1998).

Em sua análise da definição, Antônio Simão Neto ressalta que os termos “educação”, “ensino” e “aprendizagem” eram tomados como equivalentes e permutáveis – o que foi alterado em decretos mais recentes. Segundo o autor, o principal deles, o de maior amplitude, seria *educação* – o que, em suas palavras, é:

referente à formação integral do ser humano – não se restringe ao procedimental/operacional ou somente ao cognitivo (ao conhecimento por si). Essa palavra também abrange aspectos atitudinais, comportamentais, éticos, valorativos. Encerra-se, além do “saber fazer” e do “saber conhecer”, o “saber conviver” e o “saber ser”. (NETO, 2010, p.13)

É de se notar o quanto o termo é sensivelmente mais abrangente, incluindo aspectos como o comportamento e a ética. E, ainda que as crianças não estejam formalmente previstas como público-alvo dos cursos a distância, elas certamente são consideradas – certas vezes, em medidas discutíveis até – como seres que vão sendo paulativamente “educados”: como filhos, alunos, cidadãos. Nesse sentido, pode-se pensar no livro como sendo, de longa data, um recurso empregado como mediador no processo educativo. Essa observação não abarca somente os livros didáticos, como assinala Renato Almeida, em obra dirigida por Afrânio Coutinho:

A Literatura Infantil é funcional. Não a podemos, portanto, estudar dissociada do seu leitor, que é a sua razão de ser. Enquanto o escritor pode produzir emoções diferentes, e uma mesma situação ou um mesmo personagem ser interpretado diferentemente, no livro infantil tem destino marcado, recrear a criança, educando, se possível, e favorecendo o desenvolvimento de sua inteligência. (ALMEIDA apud PERES, 1999, p.16)

A coleção “Enrola e Desenrola”, com a série “E agora você decide”, da Ediouro, problematiza esse lugar do livro como recurso didático. Acredita-se que a literatura tenha o poder de instruir e de influenciar moralmente jovens e adultos. Ela seria, em certa medida, um instrumento de “educação”. Contudo, em obras nas quais o leitor tem a possibilidade de agir, atuando no lugar do protagonista, interagindo com os demais personagens, alterando, com suas escolhas, o rumo da história, o que se desenvolve é, sobretudo, o poder de gerenciamento, a capacidade de escolha, o fortalecimento da autonomia – aspectos fundamentais para o aluno de EAD – conforme atestam teóricos como Maurício Pessoa Gebran (2009) e Antônio Simão Neto (2010), dentre outros nos quais esta análise se baseia.

Enrolando e desenrolando

Durante o ano de 2010, em uma escola da rede particular de Belo Horizonte, o Colégio Logosófico Gonzáles Pecotche – Unidade Funcionários –, foi implementada, pela equipe de Língua Portuguesa, uma atividade nomeada “Eu indico”: visando a incentivar a leitura pelos alunos dos Ensinos Fundamental II e Médio, os estudantes eram convidados a escrever resenhas de seus livros favoritos, que eram depois afixadas nas paredes do colégio. Em um pequeno texto, o aluno apresentava as características que mais lhe chamavam atenção naquela leitura, a fim de convencer seus colegas a lerem o mesmo livro. Trata-se de uma forma simples de contar aos outros as impressões acerca daquela obra da qual, por algum motivo, alguém pode nem sequer ter ouvido falar.

Em uma dessas ocasiões, foi apresentada a coleção “Enrola e Desenrola” aos cerca de setenta alunos de sétimo ano, que tiveram a oportunidade de selecionar os títulos que mais lhes interessavam. A resenha do mês foi, então, dedicada aos livros dessa coleção. Serão reproduzidas, a seguir, algumas delas, mantendo anônima sua autoria:

Resenha de número 1

Aventura com Dinossauros

Nora Logan (Adaptação de Cordélia d’ Aguiar)

A história de *Aventura com Dinossauros*, de Nora Logan, se desenvolveu de forma a que existam alternativos finais variando de acordo com as escolhas tomadas durante o livro. Podem existir várias formas de morrer, porém, se der sorte, você pode virar um rico personagem do livro. O livro, dependendo da interpretação, pode nos levar a pensar em como nossas escolhas, por menores que sejam, podem modificar nosso fim. Eu li nove finais alternativos, em alguns eu me decepcionei, porém em outros eu me emocionei e vivenciei momentos fantásticos ao encontro com dinossauros e astronautas. O livro é bem escrito e dinâmico. O autor deve ter uma ótima imaginação por escrever sobre um tema desses...

Resenha de número 2

Corrida ao passado

O livro *Corrida ao Passado*, escrito por Megan Stine e H. Willian Stine, é um livro muito criativo e principalmente divertido e fica ainda mais legal caso você tenha amigos para discutir sobre os fins que vocês tiveram no livro. Eu escolhi um caminho em que eu atravesso a barreira do tempo usando um carro muito rápido. Fui parar em 1915, época em que eu ainda não existia, mas eu era um corredor e eu, Corney, o mecânico e meu tio do passado, tio Max, tínhamos que vencer uma corrida entre várias pessoas, mas o melhor deles era um barão. Quando a corrida iria começar, ocorreu uma explosão onde tio Max estava. Suspeitei que fosse o Barão e comecei a persegui-lo. Corney me levou a um lugar para realizar um ritual de boa-sorte, mas fui acusado de colocar fogo em uma escola. Consegui fugir com Corney, mas quando voltamos para a corrida, o carro começou a falhar. Fomos verificar o escapamento do carro, quando morremos envenenados por uma nuvem tóxica soltada pelo escapamento. Além desse existem mais 26 finais. Descubra-os!

Resenha de número 3

O trem do terror

O livro que eu li se chama *O trem do terror*, de Louise Munro Foley, Editora Ediouro. Ele é muito interessante, pois você é quem escolhe o rumo da história. Ao longo do livro são feitas perguntas sobre as situações que você vive, e,

dependendo da sua escolha, pode haver um fim bom, ruim, misterioso, uma história curta ou longa e várias surpresas.

Nesta edição, você está de férias para uma viagem de trem, mas, nela, acontecem vários mistérios, como pessoas de comportamento estranho, bagagens suspeitas e polícia envolvida no assunto. Eu, por exemplo, acabei ajudando a Interpol, a resolver um caso muito importante e ganhei um papagaio que grita "socorro". Leia, decida e descubra como será a sua história!

É de se notar o entusiasmo com que os estudantes se referem ao estilo do livro, à criatividade do autor, e a maneira pela qual procuram convencer o leitor da resenha a buscar determinada obra da coleção. O uso recorrente, por exemplo, dos pronomes “eu” e “você” atua de forma sintomática nessa justaposição de leitores: o aluno ressalta que, em um primeiro momento, ele (“eu”) ocupava o lugar do protagonista e, decidindo-se por tais ou tais páginas, acabara obtendo certo destino ou desfecho; porém – esclarece –, quando o leitor fosse outro – talvez aquele que ora lê sua crítica –, ele (“você”) poderia se surpreender com aventuras totalmente diferentes, ainda que compartilhassem o mesmo livro. Ou seja: o aluno tem a atenção despertada, mesmo que inconscientemente, pelo domínio que a obra oferece a seus diversos leitores, o processo de interação em que se envolve, diferentemente – em primeira instância – da percepção que possui dos livros “comuns”. Ademais, o gênero textual resenha crítica, em que ao estudante é solicitado que se manifeste em relação à obra de terceiros, favorece o sentimento de participação, de interação com o livro lido.

Outro comentário que merece destaque está presente na primeira resenha transcrita, quando o pré-adolescente reflete sobre o poder do livro de “nos levar a pensar em como nossas escolhas, por menores que sejam, podem modificar nosso fim.” Essa consideração comprova o potencial da literatura, especialmente nos moldes da coleção em análise, de não somente instruir, mas também de ensinar o “saber conhecer” e o “saber ser”, nas palavras de Antônio Simão Neto.

TV: recurso tecnológico de massa, em prol da educação

Não apenas o livro, como também a televisão, são recursos de difusão, de fácil acesso e de razoável baixo custo, que democratizam o acesso a informação e cultura no Brasil. É evidente que o computador e, sobretudo, a internet são ferramentas com gigantesco potencial de informatividade, em que a velocidade, a interatividade, a variedade de possibilidades de atuação, conquistam os indivíduos de todas as idades, principalmente os pertencentes às chamadas gerações Y e Z, caracterizados, justamente, pela ansiedade, a rapidez no raciocínio, a dificuldade de concentração em uma só tarefa e a familiaridade com as novas mídias e tecnologias.

No entanto, conforme afirma Maurício Pessoa Gebran, é preciso lembrar que a “tecnologia é a ciência aplicada na busca de soluções para problemas e necessidades humanas” (GEBRAN, 2009, p. 09) e que uma tecnologia, muitas vezes, não surge para substituir a outra, mas para complementá-la: ainda que supra determinadas lacunas de sua antecessora, apresentará defeitos que a anterior não possuía, fazendo com que, em geral, o surgimento de uma não represente o desaparecimento da outra.

Os cursos de EAD baseiam-se nesse raciocínio para se estruturarem, uma vez que, usando também das tecnologias mais avançadas – o que se nota, por exemplo, pelos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), que possibilitam interação síncrona e assíncrona entre sujeitos, além da produção e o armazenamento de informações (GARRIDO, 2010, p.15) –, não abrem mão do livro e de sua ancestral portabilidade – hoje passível de transposição para aparatos como o iPad.

O que a organização dos cursos de EAD tem levado em conta, entretanto, é que a mídia, a tecnologia precisa estar em acordo com o perfil de seu público-alvo. E, como este tende a ser, em vários sentidos, heterogêneo, o melhor a se fazer é recorrer a uma composição flexível e diversificada de material didático.

Uma dessas ferramentas de maior referência no ensino a distância – a que se pode atribuir como modelo, no Brasil, o Projeto Telecurso Segundo Grau, da Fundação Roberto Marinho, criado em 1978 – são as teleaulas. O hábito de aprendizagem da maioria dos estudantes, na presença de um professor, ao qual assiste e cujas palavras escuta, é reproduzido por uma mídia audiovisual. O

aluno tem ainda a seu favor – em se tratando de filmagens em vídeo, DVD ou arquivos digitais – os meios para pausar e retroceder a apresentação, a fim de melhor compreender determinado conteúdo, sem o que se considerava, muitas vezes, um constrangimento, que era o de interromper a aula e manifestar a dúvida diante de todos os seus pares.

Essas teleaulas, no entanto, foram largamente criticadas pela precariedade de recursos, capazes de, diferentemente do grande poder da tevê de conquistar a atenção de seus telespectadores, gerar o desinteresse por tais apresentações.

De acordo com Sônia Cristina Vermelho (2009), a imagem televisiva, em sua instância informativa, possuiria caráter desgastado e esvaziado, sendo a maior disponibilidade de informação proporcional ao empobrecimento e a deterioração da educação formal. A televisão se dividiria em duas dimensões dicotomizadas: uma relacionada ao universo do sublime; outra, associada ao espetáculo e ao divertimento (VERMELHO, 2009, p.124).

Contudo, é preciso considerar que determinados programas, especialmente os direcionados ao público infantil, logram, na medida do possível, aproximar essas dimensões, gerando, ao mesmo tempo, aprendizado e diversão. A TV Cultura e o Canal Futura, na tevê aberta brasileira, são exemplos de destaque no tocante a uma grade de programação, composta de atrações nacionais e internacionais, capaz de instruir e de conquistar. É o caso de “O Mundo de Beakman”, série norte-americana exibida no Brasil nas décadas de 1990 e 2000, que, visando a outra faixa etária, a dos adolescentes, ensinava ciência de forma lúdica.

A série, criada por Jok R. Church, era estrelada por Paul Zaloom, que interpretava o Professor Beakman – um cientista caracterizado pelo penteado desgrenhado e pelo jaleco verde-limão –, encenando também outros personagens, como O Homem Equilíbrio, Meekman (o irmão de Beakman), Vlaavav, além de cientistas falecidos, como Albert Einstein, Isaac Newton, Charles Darwin, Benjamin Franklin, Alexander Graham Bell. Havia também Lester (Mark Ritts), o rato de laboratório falante, além das assistentes: Rosie (Alan Ubach), Liza (Eliza Schneider) e Phoebe (Senta Moses). A estrutura dos episódios era variável, mas contava com cartas de espectadores, geralmente

reais (nos Estados Unidos),¹ cuja dúvida resultava nas explicações do professor, na realização de experimentos e na abordagem, com comicidade, de conceitos científicos.

Um exemplo é o episódio de número dois, da primeira temporada, denominado “Gravidade, Beakmania e Inércia”, por exemplo, o professor faz uso de uma melancia partida ao meio, representando a Terra, uma tampa de garrafa, apontando o centro do planeta, e de fantoches de palito, caracterizados como um norte-americano, um australiano e um russo. O ator simula falas e sotaques, interage com os outros personagens do laboratório – que fazem as vezes do espectador, com suas perguntas e suas tomadas de consciência. Acrescentam-se também alguns efeitos especiais – atribuídos metalinguisticamente² a um operador de câmera/editor de vídeo, chamado Ney –, imagens de outros programas, como os de esportes, canções didáticas, além de algumas animações e várias piadas. Por exemplo: quando Beakman afirma que, devido à gravidade em Júpiter, as pessoas pesariam o dobro mais a metade de seu peso na Terra, o rato Lester, direcionando-se à câmera, diz: “Lembrete para mim: montar um SPA em Júpiter!” Apesar do tom de brincadeira, não se descuida da precisão dos dados numéricos, das informações históricas e da acuidade nas explicações.

CONCLUSÃO

Os livros da coleção “Enrola e Desenrola” e a série televisiva “O mundo de Beakman” comprovam, assim, que é possível rever certas considerações engessadas – como, por exemplo: sobre a inércia do leitor diante do livro ou acerca do enfado gerado pelos programas educativos. Porém, como afirma Lúcia Santaella: “Meios, como o próprio nome diz, são *meios*, isto é, suportes materiais, canais físicos nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam.” (SANTAELLA apud BANDEIRA, 2009, p.148, grifo do original)

É necessário compreender a abrangência e o relativo baixo custo dos recursos livro e televisão/teleaula, pensando neles como meio de difusão

¹ A dublagem, no Brasil, criava um nome fictício para o espectador, associando-o, de forma bem humorada, ao teor de sua pergunta: por exemplo, André Pé-de-Vento, habitante de Rancho Veloz, faz uma questão sobre a necessidade do uso de cinto de segurança.

² Outro recurso metalinguístico é uma dupla de pinguins, que aparece diante de um televisor, no início, no meio e no fim do programa, comentando o tema discutido.

democrática do conhecimento. Contudo, o meio representa apenas uma parcela do trabalho, que integra toda uma cadeia de seleção de informações, estrutura, clareza e, sobretudo, pertinência com as expectativas do público-alvo. É a preocupação com a formação ampla do estudante, a começar por sua capacidade de gerenciar tarefas de maneira autônoma, que possibilitará que os cursos de EAD não se expandam apenas quantitativamente, como também, e sobretudo, qualitativamente, no Brasil.

Referências

- BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos**. Curitiba-PR: IESDE Brasil S.A., 2010.
- FOLEY, Louise Munro. LESSA, Orígenes. **O trem do terror**. São Paulo: Ediouro, 1984.
- GARRIDO, Susane Lopes. **Planejamento**. Curitiba-PR: IESDE Brasil S.A., 2010.
- GEBRAN, Maurício Pessoa. **Tecnologias Educacionais**. Curitiba-PR: IESDE Brasil S.A., 2009.
- LOGAN, Noran; D'AGUIAR, Cordélia. **Aventura com dinossauros**. São Paulo: Ediouro, 1985.
- MONTGOMERY, R. A. LESSA, Orígenes. **Viagem ao mundo submarino**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- NETO, Antônio Simão. **Cenários e Modalidades da EAD**. Curitiba-PR: IESDE Brasil S.A., 2010.
- PERES, Ana Maria Clark. **O Infantil na Literatura**. Belo Horizonte: Miguilim Editora, 1999.
- STINE, Megan; STINE, H. Willian. LESSA, Orígenes. **Corrida ao passado**. São Paulo: Ediouro, 1985.
- TERMAN, D. LESSA, Orígenes. **De balão ao deserto do Saara**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.
- VERMELHO, Sônia Cristina. **Mídias e Linguagens**. Curitiba - PR: IESDE Brasil S.A., 2009.

Sites

Mundo de Beakman. Disponível em: <<https://www.tvguide.com/tvshows/beakmans-world/199948//>>. Consulta em: 22 de setembro de 18.

Recebido em 18 de agosto de 2018.
Aceito em 30 de setembro de 2018.